

Estresse em Professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte durante a Pandemia de Covid-19

Stress in Teachers of the Belo Horizonte Municipal Education Network during the Covid-19 Pandemic

SILVA, Sérgio Eustáquio da¹
SANTOS, Elissandra de Cássia dos²

RESUMO

Esse artigo apresenta os resultados descritivos da pesquisa “**Estresse em professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte durante a pandemia de COVID-19**”, realizada entre abril e julho de 2021 durante a pandemia de Covid-19, com foco nos professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte - RME-BH. A pesquisa surgiu do interesse em tentar compreender como a pandemia afetou o cotidiano dos professores da RME-BH, mais precisamente, buscar compreender como os fatores associados ao estresse e como os sintomas de estresse se manifestaram nos professores, a partir da sua própria auto avaliação, principalmente levando-se em consideração a concomitância de trabalho remoto com a vida privada dos professores. Os professores foram investigados em 3 categorias relacionadas à pandemia: 1) sintomas psicológicos de estresse; 2) fatores de estresse e 3) fatores de relaxamento que poderiam aliviar o estresse. Uma análise preliminar aponta que a pandemia afetou de forma drástica os professores, o que ficou muito visível a partir dos dados levantados, evidenciando o cansaço, o nível de exaustão causados pelo trabalho remoto em concomitância com a vida doméstica e os níveis de irritação e até de agressividade, que não podem ser desprezados.

Palavras chave: Trabalho docente, estresse, ensino remoto.

ABSTRACT

This article presents the preliminary results of the research “**Stress in teachers at the Belo Horizonte Municipal Education Network during the COVID-19 pandemic**”, carried out between April and July 2021 during the Covid-19 pandemic, focusing on school teachers municipalities of Belo Horizonte (RME-BH). The research arose from the interest in trying to understand how the pandemic affected the daily lives of teachers at RME-BH, more precisely, seeking to understand how factors associated with stress and how stress symptoms manifested themselves in teachers, based on their own self-assessment, especially taking into account the simultaneous nature of remote work and teachers’ private lives. Teachers were investigated in 3 categories related to the pandemic: 1) psychological symptoms of stress; 2) stress factors and 3) relaxation factors that could alleviate stress. The conclusions show that the pandemic drastically affected teachers, which was very visible from the preliminary data collected, highlighting the fatigue, the level of exhaustion caused by remote work combined with home life and the levels of irritation and even aggressiveness that cannot be ignored.

Keywords: Teaching work, stress, remote teaching.

Introdução

A pandemia, no mundo inteiro, alterou as formas de trabalho afastando os trabalhadores dos seus postos de trabalho, impôs novas dinâmicas para realização das atividades de trabalho, e obrigou o

¹ Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) professor da Rede Municipal de Belo Horizonte; Belo Horizonte, MG. <https://lattes.cnpq.br/5477897831495678>

² Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (FAFI-BH) Professora de História da Rede Municipal de Belo Horizonte; Belo Horizonte, MG. <http://lattes.cnpq.br/2453218133104218>

estabelecimento de novas relações e formas de organização do trabalho. No caso dos professores, esse afastamento significou forçosamente a reorganização de uma prática longe do seu objeto cotidiano que é o trabalho com os alunos e que sempre foi caracterizado pelo contato direto, na relação professor-aluno, em um *locus* específico que é a escola no seu sentido mais amplo, tanto como espaço relações pedagógicas, quanto das relações pessoais e também do “currículo oculto” que ali se desenvolve.

Esse currículo oculto³ é formado pelas aprendizagens para além dos conteúdos formais que perpassa toda uma teia de relações que fazem da escola muito mais que um espaço de ensino e aprendizagem de conteúdos fechados, presos em uma *grade* curricular. É o conteúdo implícito, que acompanha as atividades escolares. O currículo oculto pode se manifestar como o ensino da submissão, do preconceito e do individualismo, assim como o da autonomia e da solidariedade e da democracia, por exemplo. Ele pode se manifestar de forma inconsciente, pelo senso comum ou por definições a priori, de um projeto coletivo e um consenso entre os atores educacionais, como os compromissos assumidos num Projeto Político Pedagógico, por exemplo.

O fato é que com a pandemia todos os professores tiveram que lidar com esses dois aspectos do currículo e do trabalho pedagógico confinados em suas casas, num momento tenso, de doença, de perdas de parentes, amigos ou conhecidos e com as necessidades da escola em toda a sua complexidade e teias de relações, que passou a ser gerida de dentro dos lares dos educadores.

Desse imperativo que é ter que ficar em casa para trabalhar, Oliveira (2020) nos esclarece que não é, nem nunca foi, uma opção dos professores, mas uma exigência da pandemia que se impôs cerceando nossa liberdade e reconfigurando o trabalho do professor. Os professores acusados pelo senso comum e por setores políticos muito bem delimitados, de poderem se “dar ao luxo” (Oliveira, 2020) de não saírem para trabalhar o que em contrapartida é, também, reconhecidamente mais exaustivo em termos emocionais quando tal aprisionamento no lar se mostra como um imperativo para não espalhar o vírus e não como uma escolha própria.

A covid-19 nos impôs não só o fechamento das escolas mas também uma série de novas exigências e sobretudo novas formas de estresse pelas mudanças impostas na vida de crianças

³ Para essa discussão ver Apple (1982), Arroyo (2011)

e famílias em todo o mundo (Oliveira, 2020). Essa pesquisa é uma tentativa em tentar compreender como ficou o cotidiano doméstico de famílias que além de estar em casa com suas crianças ainda tem que fazer desse espaço o seu local de trabalho pedagógico.

No caso da docência - uma profissão majoritariamente feminina - temos também uma sobreposição da questão de gênero, uma vez que 83,7% das crianças com menos de 4 anos tem uma mulher como primeira responsável por elas, enquanto apenas 16,3% tinham nos homens o seu principal responsável. Dessas crianças, 37% estavam sob a responsabilidade de mulheres ocupadas, quer dizer, com outras tarefas fora do ambiente do lar (Oliveira, 2020).

As professoras passaram a ficar em casa, com seus companheiros ou companheiras e filhos, ou ainda sozinhas com os filhos, provavelmente assumindo também os afazeres domésticos, uma vez que, conforme apontado por Oliveira (2020), as mulheres são as principais responsáveis pelas atividades ligadas aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, precisando realizar acompanhamento dos filhos ao mesmo tempo em que planejavam e executavam o seu trabalho docente. O mesmo autor ainda chama a atenção para o caso das famílias com arranjo monoparental feminino, o que nos faz refletir ainda mais sobre os desafios femininos nessa pandemia.

Pelo Censo Escolar do INEP (2022) 48 milhões de estudantes em mais de 180 mil escolas do ensino básico por todo o país deixaram de frequentar as aulas no formato apenas presencial e passaram a experimentar novas formas de relação com o conhecimento, de aprendizagem e de relação com os professores.

Por outro lado, os professores também, isolados em suas residências tiveram que se reinventar e de repente viram suas atividades cotidianas terem que ser transportadas para novos formatos a partir do distanciamento social colocados pela pandemia da Covid-19. Suas relações pedagógicas foram transformadas do dia para a noite e suas relações sociais, tanto entre os colegas docentes, quanto entre os alunos e com a comunidade escolar exigiram novos formatos, novas linguagens e novas bases de interação mediadas pelas tecnologias disponíveis de acordo com a realidade e possibilidade dos professores, da escola e da comunidade escolar.

O texto de Oliveira (2020) chamou ainda a atenção para o fato de que a pandemia trouxe o desafio de “criar um lugar dentro de outro lugar”, onde os professores vão ter que adequar os seus lares, seus

tempos em casa, suas tarefas domésticas, sua vida em conjunto, com os afazeres e deveres que o trabalho enclausurado nos impõe e com todos os desafios que podemos antever quando transformamos a nossa casa, o nosso lar, também em nosso ambiente de trabalho, em nossa sala de professores, onde os sons dos nossos colegas falando, trabalhando em conjunto, pensando à distância, lutando por seus direitos e elaborando propostas pedagógicas em conjunto mas separados fisicamente, se misturam aos sons da nossa casa, da TV ligada para distrair o filho, dos filhos que brigam ou se estranham por algum motivo, do vizinho que bate à porta, da campainha que toca, do celular que chama a inúmeras outras funções como filha, esposa, companheira, etc...

Muitas questões passaram a afligir o professor, tais como enfrentar uma nova organização para trabalhar dentro do cotidiano familiar (*home-office*), conseguir ensinar utilizando as novas demandas e as novas formas de ensino-aprendizagem, se deparar com as desigualdades decorrentes das condições socioeconômicas dos alunos e como isso vai interferir nas novas formas de ensino-aprendizagem, demandadas pelo cenário da Covid-19, dúvidas a respeito da gestão pública e como eles vão conseguir garantir as melhores condições para o processo de ensino-aprendizagem, incertezas sobre as condições tecnológicas (dispositivos) e se os conhecimentos e habilidades no campo da tecnologia seriam suficientes para garantir a realização do trabalho docente de forma competente.

Normanha (2020) chamou a atenção para o fato de que o *home office* foi imposto, sem planejamento, e surgiu de uma hora para outra em meio a uma das mais graves crises sociais enfrentadas pela humanidade.

O mesmo autor também aponta uma série de fatores que podem degradar a profissão docente e precarizar o trabalho dos profissionais de educação, a saber: o fato das decisões não passarem pelos professores; o falso pressuposto que, tanto alunos quanto profissionais da educação possuem acesso à tecnologia e que os professores teriam a formação necessária para suportar essa mudança; as dinâmicas do *home office* com as demandas familiares e cotidianas, tudo misturado agora; questões envolvendo a jornada de trabalho dos professores, que relatam super jornadas de trabalho.

Todas essas mudanças geram novas tensões e influenciaram a vida privada e a vida particular dos profissionais da educação e certamente se manifestaram no cotidiano dos professores em forma de estresse.

É isso que nossa pesquisa quer saber: como esses fatores se relacionam com a percepção de estresse dos professores durante a pandemia da Covid-19 e como os sentimentos dos professores em relação à pandemia se refletem nesse estresse.

Num contexto em que essa pandemia parece ter efeitos que irão se prolongar mesmo após o seu fim e que, mesmo após o seu efeito, tanto o trabalho remoto quanto o *home office* podem se firmar como práticas persistentes na educação⁴, nosso trabalho poderá contribuir para o planejamento e entendimento das políticas de gestão e aprofundar a discussão sobre as necessidades dos professores no contexto do *home office* e do teletrabalho, o que pode ser bastante útil para as políticas públicas de educação.

Para a definição de estresse em professores vamos adotar a experiência de emoções desagradáveis e negativas, como raiva, ansiedade, tensão, frustração ou depressão, resultantes de algum trabalho como professor. (Trocinho, 2021).

Metodologia

A pesquisa foi realizada de forma amostral com os professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte - RME. Foram obtidas 379 respostas de professores que formaram a nossa base amostral, equivalente a uma população de 13.942⁵ professores. Essa amostra nos permitirá inferir os resultados para a RME-BH com uma margem de erro de 4% e 95% de nível de confiança.

A pesquisa é um estudo quantitativo feito a partir de amostragem probabilística, onde cada elemento da população pesquisada tem a mesma probabilidade de ser selecionado para a amostragem.

A pesquisa foi realizada por questionário estruturado (Survey), elaborado utilizando-se a ferramenta *Google Forms* e distribuído eletronicamente em grupos de professores da RME-BH a partir da ferramenta *WhatsApp*, com mensagem convite para participar da pesquisa e link para acessar o formulário. Para o acesso ao formulário era preciso antes, concordar ou não com os termos da pesquisa - termo de concordância e consentimento. O formulário só abria as perguntas com o

⁴ Na RME-BH, por exemplo, depois da pandemia, a maioria das escolas se organizaram para os professores terem 1 dia de teletrabalho, como efeito desse período.

⁵ Conforme dados da Gerência de Estatística da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – SMED

consentimento dos respondentes para os termos da pesquisa.

O survey foi elaborado com base na seguinte organização: 1) perfil do professor(idade, gênero, tempo de serviço, etc); 2) uma lista de perguntas contextualizando o professor no cenário da pandemia (se apresentou covid, se ficou hospitalizado, se as pessoas de casa apresentaram sintomas ou ficaram hospitalizadas, se foram testadas e vacinadas); 3) uma lista de fatores de estresse para o professor se localizar de forma autoavaliativa em como ele se sentia em cada fator; 4) uma lista de fatores estressantes em que o professor também se auto-localizará, na sua relação com o trabalho remoto (apoio da PBH para o trabalho remoto, capacitação para o trabalho remoto, condições para realizar o trabalho remoto...).

Todas as perguntas foram respondidas utilizando-se uma escala Likert de 1 a 5, sendo 1 para discordo totalmente e 5 para concordo totalmente. Posteriormente as respostas foram recodificadas indo do Muito Frequentemente, Frequentemente, Eventualmente, Raramente ao Nunca.

A chamada para participação na pesquisa foi feita em 4 “ondas” (22/6/20, 28/6/2020, 8/7/20 e 19/7/20) nos grupos de representantes das escolas no SINDI-REDE/BH⁶ com solicitação de divulgação nos grupos das escolas, até atingir-se o número de respostas desejadas para a amostragem, calculado de acordo com o número de professores que formaram a população pesquisada.

Anteriormente à distribuição do survey foi feito um pré-teste para identificar problemas de entendimento de questões e levantar dúvidas no preenchimento do formulário, onde foram apontados alguns pontos que precisavam de ajustes que foram feitos e corrigidos. Durante a aplicação não foram relatados problemas ou dúvidas nos grupos em que estivemos usando para fazer as chamadas para responder o instrumento.

A confiabilidade das respostas ao questionário foi estimado pelo coeficiente alpha de Cronbach que apresentou um resultado padronizado de 0.8955, calculado a partir do software estatístico R.

Seguindo Freitas e Rodrigues (2005), vamos adotar classificação da confiabilidade do coeficiente alfa

⁶ Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte que representa os trabalhadores em educação da RME-BH.

de Cronbach de acordo com os seguintes limites:

- A. $\alpha \leq 0,30$ – Muito baixa
- B. $0,30 < \alpha \leq 0,60$ - Baixa
- C. $0,60 < \alpha \leq 0,75$ - Moderada
- D. $0,75 < \alpha \leq 0,90$ - Alta
- E. $\alpha > 0,90$ – Muito alta

A tabulação de resultados e os gráficos aqui apresentados foram feitos utilizando-se o software Excel.

Resultados

O perfil dos entrevistados

As respostas obtidas contemplaram professores que atuam em escolas de todas as nove regionais administrativas de Belo Horizonte (Figura 1) tanto na regência, nas modalidades da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos-EJA, quanto coordenação e direção das unidades municipais de educação.

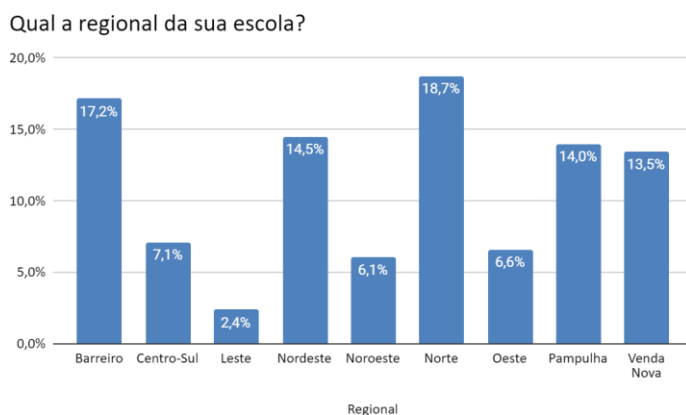


Figura 1

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

De acordo com as respostas do survey, 92,08% dos respondentes se declararam do sexo feminino e apenas 7,92% do sexo masculino, reafirmando na RME-BH tal característica da docência no Brasil.

Importante entender isso já que no Brasil, de acordo com o IBGE (2017), o trabalho ligado aos cuidados domésticos e familiares são responsáveis por fazer as mulheres trabalharem 73% a mais do

que os homens (18,1 horas das mulheres contra 10,5 horas de trabalho dos homens).

Com relação à idade dos respondentes eles se concentram majoritariamente entre os 39 e 58 anos de idade (Figura 2).

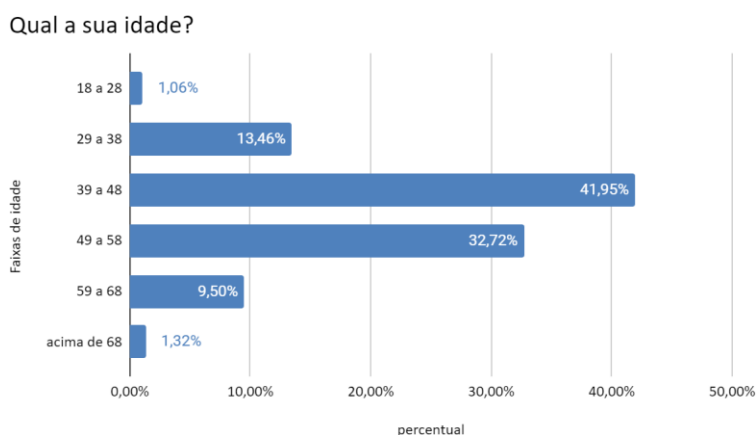


Figura 2

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Chama a atenção na idade, o percentual de 1,3% de professores acima de 68 anos ainda na ativa em sala de aula.

Do total de respondentes, 66% declararam possuir um companheiro ou companheira e 34% não possuem companheiros.

A grande maioria dos respondentes possuem filhos (68,6%); 31,4% disseram não ter filhos.

Interessante observar o cruzamento dessas duas variáveis (Mora com companheiro X Tem filhos) que aponta 16,4% de famílias monoparentais entre os respondentes, ou seja, que possuem filhos mas declararam não morar com um companheiro ou companheira.

Quanto ao tempo de serviço na Rede Municipal de Ensino os respondentes se concentram entre os 6 e 20 anos de serviço, mas os dados mostram uma renovação relativa do quadro de professores com um percentual de 12,4% com 1 a 5 anos apenas de trabalho, mas mostra também uma outra ponta com 13,2% de professores com mais de 26 anos de trabalho ou seja, se encaminhando mais para o final de carreira.

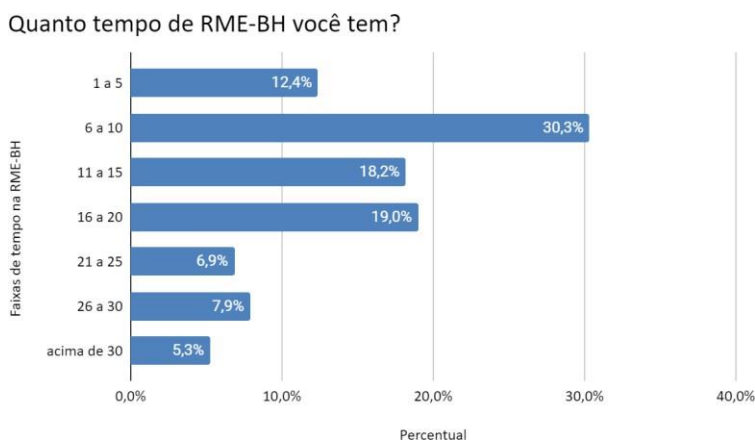


Figura 3

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Outro aspecto importante que nos interessava analisar era a ocorrência de doença provocada pelo vírus da SARS-CoV-2, causador da COVID-19, entre os professores da Rede Municipal de Belo Horizonte para que pudéssemos identificar o quanto poderia se agravar os desafios para a construção das novas práticas pedagógicas que passaram a ser exigida aos professores.

A ocorrência da doença, assim como a perda de familiares, agravaria ainda mais a organização dos profissionais da educação para atendimento aos estudantes de forma remota, dentro do seu próprio lar.

Entre os entrevistados, 39,8% relataram ter apresentado sintomas de covid (Figura 3), mostrando que o trabalho remoto foi uma alternativa acertada para não contaminar os outros 60,2% que não apresentaram sintomas de contaminação pela COVID-19 e mesmo para que os alunos também não se contaminassem levando o vírus para suas casas e famílias. No período da pesquisa, 96,6% dos professores responderam que já haviam se imunizado tomando a vacina.

Durante esse tempo de pandemia, você apresentou sintomas da Covid-19?

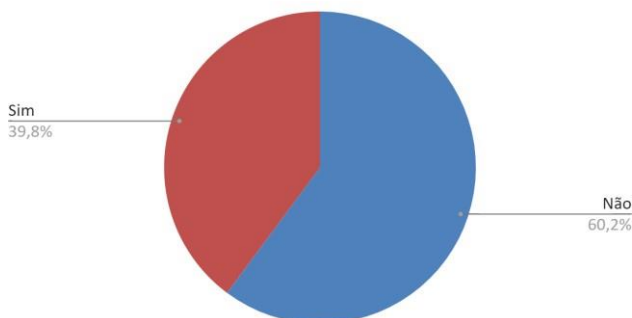


Figura 4

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Até a data de preenchimento das entrevistas, 48,5% dos professores respondentes da pesquisa ainda não haviam sido testados nenhuma vez para COVID-19; 31,4% foi testada mas obteve resultado negativo e 20,1% testou positivo.

Quanto aos efeitos letais da pandemia entre os professores pesquisados, 4,7% dos professores entrevistados perdeu algum familiar próximo como filhos, mãe, pai, companheiro ou companheira. (Figura 4)

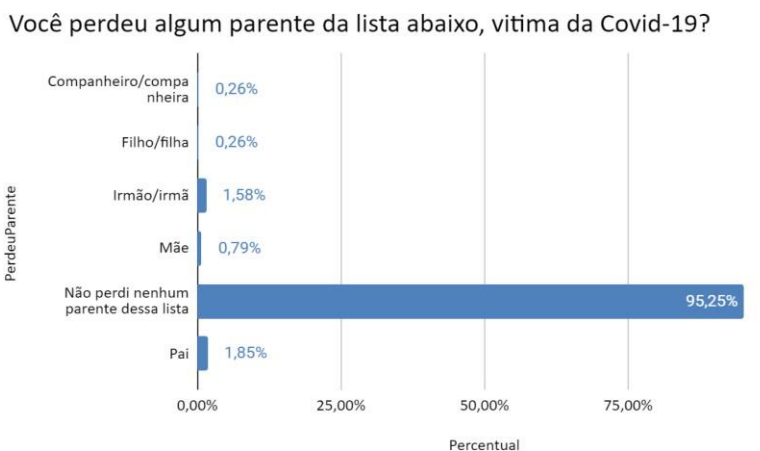


Figura 5

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

O estresse em professores da RME-BH durante a pandemia de Covid-19

Essa pesquisa pretendeu investigar os principais sintomas e fatores causadores de estresse nos professores da RME-BH, durante a pandemia.

Evidentemente, as mesmas perguntas feitas num contexto pré ou pós pandemia certamente apresentariam outros resultados. No caso da RME-BH os professores ficaram em regime de teletrabalho durante 1 ano e 5 meses. É assim, num regime de isolamento da pandemia que devem ser lidos esses dados.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)⁷, entre seus muitos impactos, a pandemia da COVID-19 criou uma crise global para a saúde mental, alimentando tensões de curto e longo prazo e minando a saúde mental de milhões. Por exemplo, as estimativas colocam o aumento em ambos, ansiedade e transtornos depressivos, em mais de 25% durante o primeiro ano da pandemia. No ao mesmo tempo, os serviços de saúde mental ficaram gravemente perturbados e a lacuna no tratamento para as condições de saúde mental aumentou.

A OMS⁸ também alerta que a saúde mental é fluida e pode se alterar ao longo da nossa vida podendo flutuar de acordo com mudanças e situações estressores que podem minar nossa saúde mental de formas variadas e de acordo com tais mudanças, nos afetando mais ou menos de acordo com essas determinantes. Segundo a organização, aproximadamente 90% da população mundial sofre com o estresse e o Brasil, apesar dos seus ares festivos, é o segundo país com maior índice de estresse entre a população.

Alguns sintomas ou comportamentos acendem o alerta quanto à presença da doença. Irritabilidade, ansiedade, dermatites, distúrbios do sono, medos, exaustão são alguns deles que quando observados sistematicamente sugerem a necessidade de buscar ajuda. Mas, seguramente, a presença do estresse dificulta o cumprimento de tarefas, mesmo as mais simples, e a busca por atividades que minimizem os efeitos devastadores dele se fazem necessários.

Sintomas de estresse em professores da RME-BH durante a pandemia

Inúmeros são os fatores estressores que podem acometer os professores e, como consequência, gerar doenças. Entre eles pode-se citar: a relação com a carga horária excessiva, a perda da autonomia

⁷ É uma organização intermundial que tem por objetivo a saúde pública internacional, fundada em 1948, sua sigla em inglês é World Health Organization - WHO (2022).

⁸ Id., Ibid.

dentro da sala de aula, os salários não satisfatórios, o desinteresse por parte dos estudantes, os conflitos com os responsáveis, os desentendimentos com a equipe diretiva, a falta de materiais e equipamentos, o aumento da exigência cognitiva e a escassez de políticas públicas efetivas (Borba, 2015).

Durante a pandemia e o isolamento a que os professores tiveram que passar, o excesso de demandas criadas produziram sofrimento mental e emocional aos docentes. Nesse tempo de isolamento e teletrabalho foi comum os professores apresentarem sentimentos de raiva, angústia, exaustão. Sintomas de estresse. Ansiedade e depressão também têm sido frequentemente associados aos docentes, estando diretamente relacionados aos aspectos laborais e a situação de calamidade pública da pandemia. (Coelho, 2021).

As perguntas sobre os sintomas de estresse estão organizadas em 10 questões relacionadas à presença de comportamentos que pudessem demonstrar a ocorrência do estresse nos professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte durante a pandemia de COVID-19.

Apresentamos abaixo a tabela abaixo (Tabela 1) com as perguntas e os percentuais de resposta nas categorias Muito Frequentemente e Frequentemente que indicam as duas intensidades máximas da escala utilizada e o percentual de professores que se auto-avaliaram em cada uma delas.

As perguntas desse tópico pretenderam investigar os seguintes sintomas:

- Ansiedade
- Cansaço
- Exaustão física
- Exaustão mental
- Irritação
- Agressividade
- Depressão

Tabela com as perguntas sobre sintomas associados ao estresse em professores da RME-BH e os percentuais nas categorias de concordância com as perguntas, durante a pandemia

Tabela 1 – Sintomas associados ao estresse do professor da RME-BH

Questão	Muito frequente (%)	Frequente (%)	Total (%)
Durante a pandemia me sinto muito ansioso	75,5	12,4	87,9
Durante a pandemia me sinto muito cansado	68,3	14,8	83,1
Nesses dias de pandemia me sinto muito exausto fisicamente	53,8	16,4	70,2
Nesses dias de pandemia me sinto muito exausto mentalmente	81,8	10,3	92,1
Durante a pandemia eu me sinto muito sobrecarregado	76	11,3	87,3
Tenho sentido muito medo durante esse período da pandemia	57,5	17,9	75,4
Nesse período da pandemia eu estive sempre muito agressivo com as pessoas ao meu redor	13,2	13,7	26,9
Admito que durante a pandemia tenho ficado muito irritado com as pessoas com as quais convivo	22,7	22,7	45,4
Admito que durante esse período da pandemia meu humor foi embora ou se reduziu muito	25,1	25,1	50,2
Durante a pandemia tenho oscilado muito no meu humor, estando ora muito bem humorado, logo depois, completamente irritado	31,4	20,8	52,2
Tenho me apresentado triste e depressivo durante a maior parte do tempo, nessa pandemia	27,2	18,7	45,9
Durante a pandemia tenho sentido muita dificuldade para me motivar a fazer as coisas	39,6	22,7	62,3

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os sintomas de estresse mais ligados ao cansaço físico e à exaustão mental foram os campeões nos sintomas de estresse, relatados pelos entrevistados, com mais de 70% dos entrevistados relatando exaustão física, 83,1% relataram muito cansaço. Os fatores são múltiplos. No trabalho de Coelho (2021) é relatado, por exemplo, o desconforto de trabalhar em casa, à um excesso de demandas novas como o trabalho a qualquer horário, onde as mensagens de aplicativos, as vídeo-chamadas e a falta de privacidade, estão entre esses fatores.

Para as mulheres, Coelho (2021) no seu trabalho de pesquisa também relatou as dificuldades em conciliar o trabalho doméstico com as tarefas docentes, o que já foi mencionado aqui também ao longo desse texto. O mesmo autor também cita o fato de que a realização do trabalho docente

privilegiando os dispositivos tecnológicos também obrigou os profissionais de educação a se adaptarem à essa nova realidade, o que certamente contribuiu para esse cansaço e exaustão mental.

Fazer vídeos, construir materiais, fazer apostilas, usar dispositivos de mensagens em excesso, responder mensagens de dúvidas de pais e responsáveis passaram a ser muitas das exigências na pandemia que certamente contribuíram para o sentimento de cansaço e exaustão mental, tudo isso somado à vida doméstica que acontecia simultânea e paralelamente ao trabalho pedagógico. Agora conviviam lado a lado, cachorro latindo, crianças brincando, filhos chorando, pessoas da casa perguntando as coisas o tempo todo, no mesmo momento em que o trabalho era realizado (Coelho, 2021).

Certamente todas essas demandas contribuíram para que os professores se sentirem exaustos física e mentalmente, como mostra as respostas à essa questão na pesquisa (Figura 6).

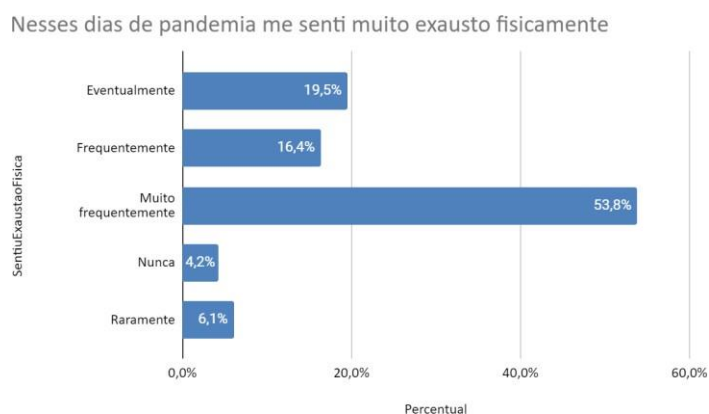


Figura 6

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Nesses dias de pandemia me senti muito exausto mentalmente

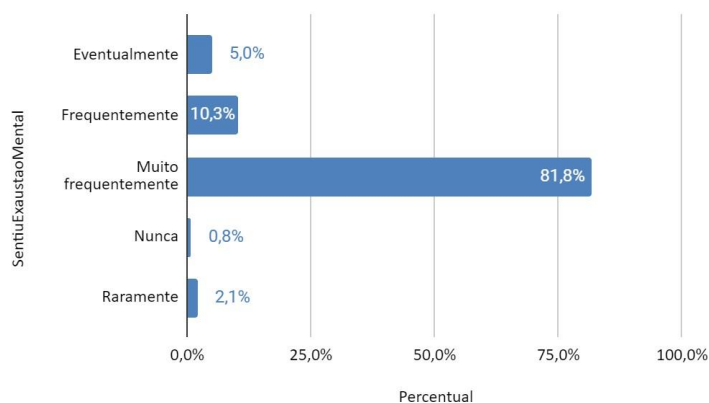


Figura 7

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

A sensação de sobrecarga e que as tarefas estavam se sucedendo levando à exaustão mental também foi perceptível pelas respostas à pesquisa. (Figura 8)

Durante a pandemia eu me sinto muito sobrecarregado

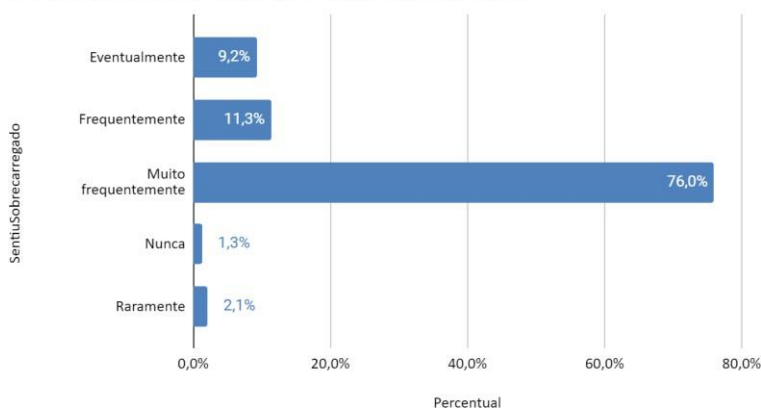


Figura 8

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

A exaustão mental pode ter provocado também outros sintomas como a dificuldade de se motivar para fazer as coisas em virtude desse sentimento de cansaço extremo, como apontam as respostas dos professores. (Figura 9)

Durante a pandemia tenho sentido muita dificuldade para me motivar a fazer as coisas.

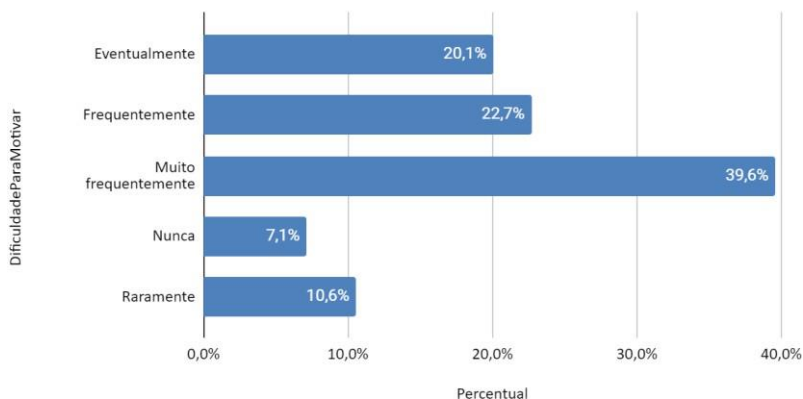


Figura 9

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Vale a pena ainda, salientar aqui (Tabela 1) o dado sobre agressividade em que 26,9% dos entrevistados admitiram estar sempre mais agressivos com as pessoas ao ser redor, durante a pandemia. Um percentual de 52,2% de entrevistados admitiram oscilações de humor, estando ora bem humorados e logo em seguida muito irritadiços, durante a pandemia, assim como 45,9% admitiram estar tristes e depressivos durante a pandemia (Figura 10).

Tenho me apresentado triste e depressivo durante a maior parte do tempo, nessa pandemia.

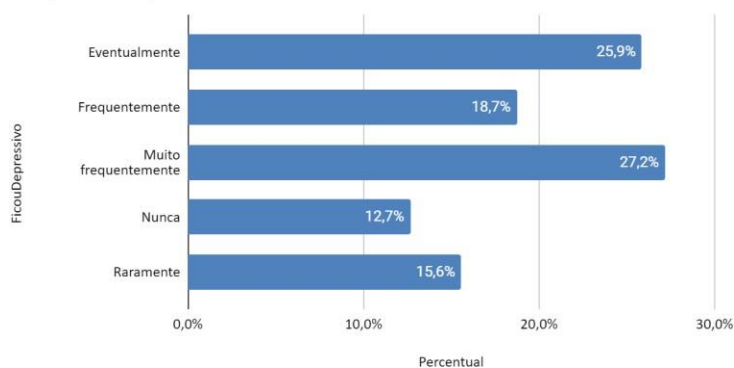


Figura 10

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Chamou a atenção também o alto índice de professores que se auto definindo como mais agressivos com as pessoas ao ser redor. O percentual de 26,9% de professores que se declararam mais agressivos (Figura 11) durante a pandemia, pode enganar parecendo que foi pequena essa manifestação. No entanto, é 1 professor a cada 4 se reconhecendo como mais agressivo, que é uma manifestação mais extrema do estresse.

Nesse período da pandemia eu estive sempre muito agressivo com as pessoas ao meu redor

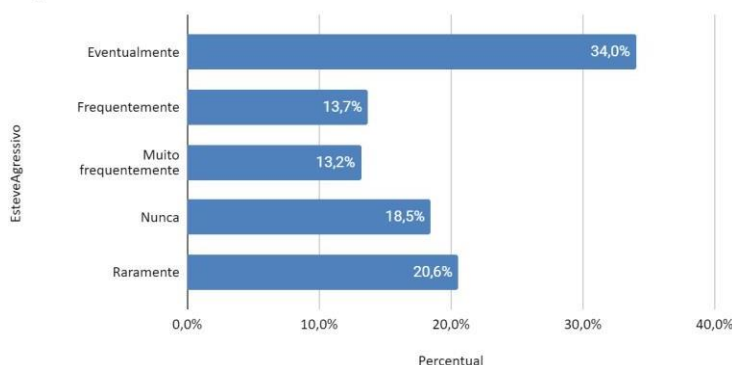


Figura 11

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Vê-se claramente pela Tabela 1 que em todas as categorias investigadas um percentual altíssimo de professores se enquadraram em praticamente todas, mostrando o quão estressados os professores estiveram durante a pandemia em suas múltiplas exigências pessoais e profissionais.

Fatores de estresse no trabalho pedagógico durante a pandemia.

A profissão docente, como qualquer outra ocupação, apresenta fatores associados ao estresse profissional, o que já é amplamente abordado pela literatura científica sobre a docência no Brasil.

Os fatores estressores que podem acometer os professores e, como consequência, gerar doenças, podem ser inúmeros. Entre eles pode-se citar: a relação com a carga horária excessiva, a perda da autonomia dentro da sala de aula, os salários não satisfatórios, o desinteresse por parte dos estudantes, os conflitos com os responsáveis, os desentendimentos com a equipe diretiva, a falta de materiais e equipamentos, o aumento da exigência cognitiva e a escassez de políticas públicas efetivas (Borba, 2015).

No artigo de Coelho (2021) ela reporta resultados de estudos nacionais e internacionais que se referem ao impacto negativo da pandemia sobre a saúde mental da população em geral, pelo aumento de transtornos como o estresse pós-traumático (TEPT), ansiedade, depressão, compulsão obsessiva, emoções negativas (raiva, estresse e tristeza), além de distúrbios no sono e na alimentação, aumento do consumo de substâncias psicoativas e a demonstração de uma maior preocupação com os membros da família.

No mesmo artigo, Coelho (2021) também faz referências à falta de privacidade, onde pelas facilidades tecnológicas, os professores passam a sofrer também a pressão por demandas de trabalho em horários não comerciais e dias de feriados, sábados e até aos domingos para sanar dúvidas, dentre outras necessidades. Esse contato é realizado de inúmeras formas como, por exemplo, ligações telefônicas, mensagens em aplicativos de comunicação como o *WhatsApp*.

Apresentamos abaixo a tabela abaixo (Tabela 2) com as perguntas e os percentuais de resposta nas categorias Muito Frequentemente e Frequentemente que indicam as duas intensidades máximas da escala utilizada e o percentual de professores que se auto-avaliaram nas perguntas que buscaram investigar quais os fatores de estresse mais afetaram os professores no seu trabalho pedagógico durante a pandemia.

As perguntas desse tópico pretenderam investigar os seguintes fatores:

- O trabalho pedagógico feito no ambiente de casa
- O planejamento pedagógico
- A falta de equipamentos adequados para o teletrabalho
- A relação com a Secretaria Municipal de Educação (SMED)
- A relação à distância com os colegas e superiores
- A relação à distância com os alunos

Tabela com as perguntas sobre fatores associados ao estresse, em professores da RME-BH e os percentuais nas categorias de concordância com as perguntas, durante a pandemia

Tabela 2 – Fatores associados ao estresse e professores da RME-BH

Questão	Muito frequentemente	Frequentemente	Total
Trabalhando em casa é uma confusão muito grande porque não consigo fazer nem as coisas de casa, nem as coisas da escola	39,6%	21,4%	60,9%
O movimento de casa atrapalha e interfere muito na realização das minhas tarefas para a escola	36,1%	24,3%	60,4%
Fazer as coisas de casa e da escola no mesmo ambiente, durante a pandemia, me causa muito estresse	48,8%	19,0%	67,8%
O “home office” prejudicou muito as relações interpessoais dentro da minha casa durante a pandemia	20,8%	20,6%	41,4%

Trabalhando em casa eu não consigo me planejar direito nem planejar adequadamente o que eu vou fazer no futuro	30,3%	23,5%	53,8%
A falta de equipamentos como celular e notebook disponíveis foi um fator de estresse para a realização do meu trabalho pedagógico durante a pandemia	39,8%	15,0%	54,9%
Tive que contrair dívidas com equipamentos e dispositivos para conseguir realizar meu trabalho de forma satisfatória o que impactou no meu orçamento, causando estresse	39,1%	16,1%	55,1%
Me senti muito estressado porque a Secretaria Municipal de Educação não me apoiou, durante a pandemia	50,9%	19,3%	70,2%
A falta de conhecimento em tecnologias da informação foi um motivo de ansiedade e estresse na realização do trabalho pedagógico durante a pandemia	43,5%	20,6%	64,1%
Sinto que com o “home office” eu estou trabalhando muito mais	74,7%	14,0%	88,7%
Admito que com o “home office” tenho tido muitas dificuldades para conciliar a rotina da casa com o trabalho	50,1%	21,1%	71,2%
A relação à distância, com as/os colegas tem se mostrado muito desgastante e estressante	34,8%	19,5%	54,4%
A relação à distância, com os alunos tem sido um fator de intenso estresse	40,1%	17,2%	57,3%
No trabalho à distância tenho ficado muito estressada/o com as cobranças dos meus superiores(diretor e coordenador)	29,6%	17,9%	47,5%
No trabalho à distância tenho ficado muito estressada/o com as cobranças dos meus superiores(SMED).	49,6%	17,2%	66,8%
A participação dos alunos, à distância, tem sido um fator de estresse para mim	41,4%	22,2%	63,6%
A falta de contato presencial com colegas e alunos tem sido um grande gerador de estresse para mim	40,6%	17,9%	58,6%

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sentimento de que o professor estava trabalhando mais durante a pandemia foi expressado por 88,7% dos entrevistados como mostra a figura 12.

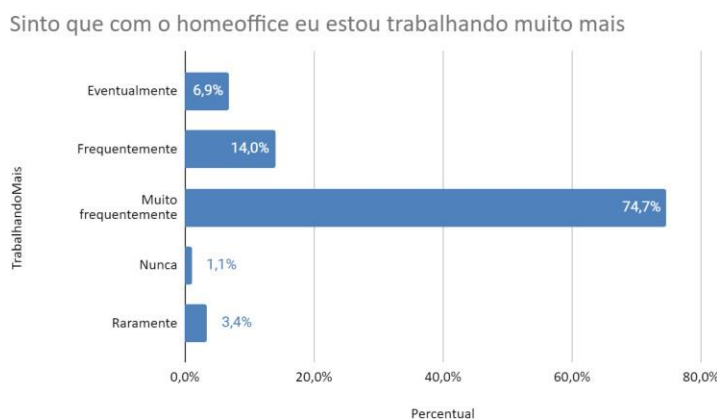


Figura 12

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo google forms

Relatos de professores durante a pandemia se referem a cansaço, gastos extras, acúmulo de trabalho, estresse, barreiras tecnológicas e jornadas intermináveis que passaram a fazer parte, com maior frequência, da rotina dos(as) professores(as), desde o início da pandemia do novo coronavírus.

Depoimentos como o do pedagogo Nédio Bagatini, no site do Sindicato dos trabalhadores em Educação do Paraná (2020), exemplificam esse sentimento de que os professores estavam trabalhando mais durante a pandemia: *“Ficou um fim de ano muito complicado, muito corrido, muita cobrança. Tá bem difícil. Eu trabalho três vez mais em casa do que na escola. Tenho que fazer ligações para os pais à noite, porque de dia ninguém atende. Se eu não fizer isso, fica tudo abandonado”* comentou. Em abril de 2021 em reportagem no Jornal O Tempo (2021), a diretora sindical Vanessa Portugal chamava a atenção para o fato de que professores que antes trabalhavam em dois turnos agora trabalham em um só. A diretora sindical também chama a atenção para o fato de como a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a Secretaria Municipal de Belo Horizonte precarizaram ainda mais o trabalho pedagógico cortando as dobras, ou seja, professores que atuavam em dois turnos. Nas palavras da diretora sindical:

A prefeitura, por exemplo, cortou as dobras, ou seja, os professores que atuavam de manhã e à tarde estão em um turno só. Na prática isso é redução de professores, mas se pensarmos que estamos com mais trabalho, uma vez que estamos tendo que ajudar a encontrar os alunos e atendê-los em diferentes horários, a lógica teria sido aumentar o número de profissionais, afirmou a diretora. (Vanessa Portugal, Jornal O Tempo, 2021).

Concomitante a isso, 71,2% dos entrevistados admitiram que conciliar o trabalho de casa com o trabalho da escola era realmente difícil (Figura 13). Numa profissão em que a maioria quase absoluta é de mulheres usar o espaço do lar e do cuidado com parentes, filhos, companheiro/companheira,

mãe/pai, irmãos etc., dependendo das configurações familiares, é misturar ao extremo e durante um longo e inesperado tempo o ambiente do trabalho e suas exigências, com as atribuições do lar, o que certamente influenciou no nível de estresse dos professores em geral e mais particularmente das professoras, responsáveis também pelo cuidado e pela maior parte do trabalho de casa.

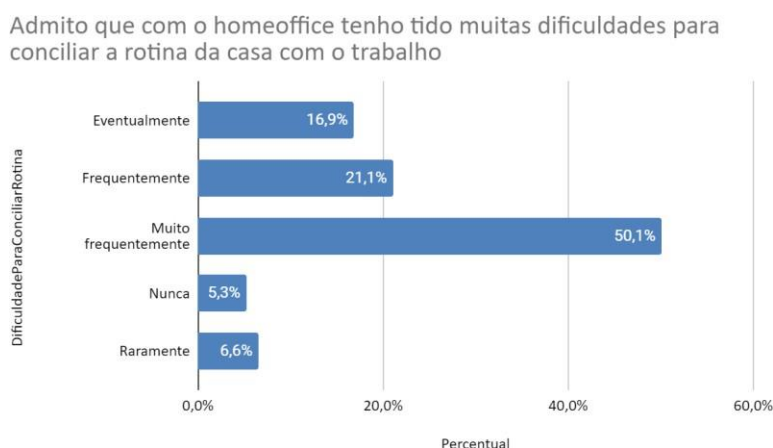


Figura 13

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Um ponto que chamou a atenção nas respostas dos entrevistados foi o fato de que um percentual bastante alto não se sentiu apoiado pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED, em seu trabalho (Figura 14).

Ao contrário disso, no entanto, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, enviou em plena pandemia, Projeto de Lei à Câmara Municipal de Belo Horizonte que aumentava a alíquota previdenciária dos servidores. (Sindi Rede-BH, 2020).

Certamente num outro momento parecido, se houver, a SMED possa pensar em como se organizar para apoiar o mais rapidamente possível para conhecer as necessidades reais dos professores e dar um suporte adequado a eles de uma forma a ajudá-los efetivamente em seu trabalho. Ao que parece isso não ocorreu durante a pandemia, como mostra o sentimento predominante entre os respondentes da pesquisa.

Me senti muito estressado porque a Secretaria Municipal de Educação não me apoiou, durante a pandemia

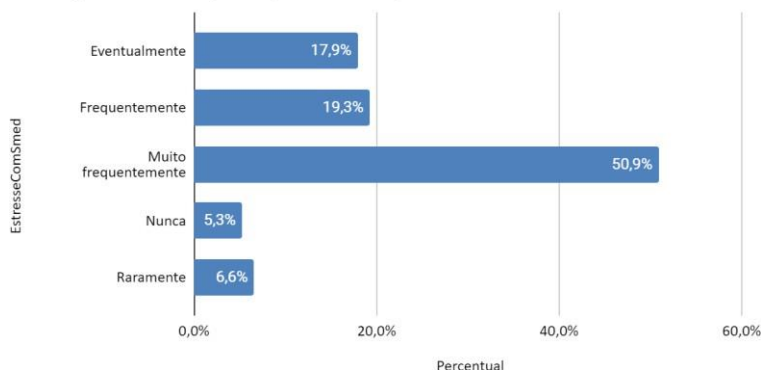


Figura 14

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Outro fator de estresse que merece destaque foi a dificuldade de uma grande parcela dos docentes para o trabalho utilizando as novas tecnologias da informação e consideraram tal fato um motivo de estresse durante a pandemia. (Figura 15). O estresse não decorreu apenas de ter que trabalhar com as novas tecnologias e com recursos novos mas até mesmo de ter que bancar com recursos próprios os novos equipamentos necessários, redes de internet, microfones, aparelhos celulares mais novos, enfim, toda uma estrutura que os governos não disponibilizaram para os professores na pandemia, o que levou inclusive muitos professores a se endividar nesse processo de atualização tecnológica (Figura 16).

“Estamos dando aula de casa, não usamos nenhum recurso da escola. São recursos próprios. Celular, internet, energia, tudo nosso. O governo não está dando nenhum apoio. É tudo aqui de casa”. (Fátima Lemos, *Jornal BDF*, 2020)

As respostas ao nosso survey demonstraram ainda que a relação à distância com os alunos

A falta de conhecimento em tecnologias da informação foi um motivo de ansiedade e estresse na realização do trabalho pedagógi...

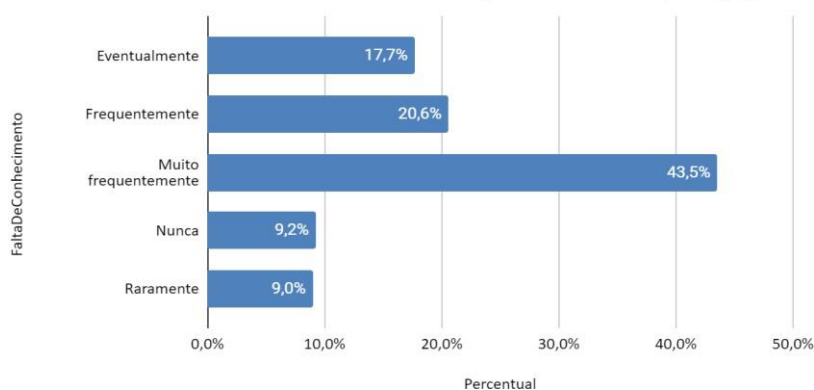


Figura 15

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Tive que contrair dívidas com equipamentos e dispositivos para conseguir realizar meu trabalho de forma satisfatória o que impacta...

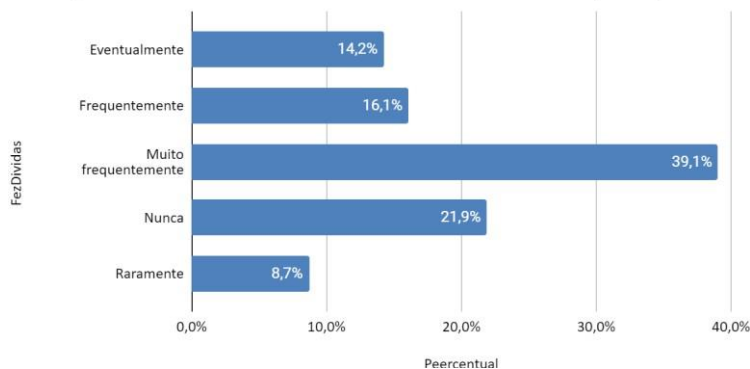


Figura 16

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Ao que parece, além da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte não ter dado suporte adequado aos professores, as cobranças por resultados foram sentidas pelos professores. Pelo menos é o que revelam as respostas dos professores. (Figura 17 e Figura 18).

No trabalho à distância tenho ficado muito estressada/o com as cobranças dos meus superiores(SMED)

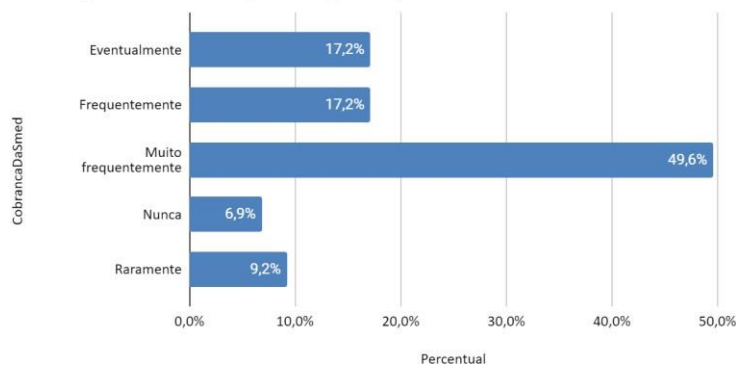


Figura 17

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

No trabalho à distância tenho ficado muito estressada/o com as cobranças dos meus superiores(diretor e coordenador)

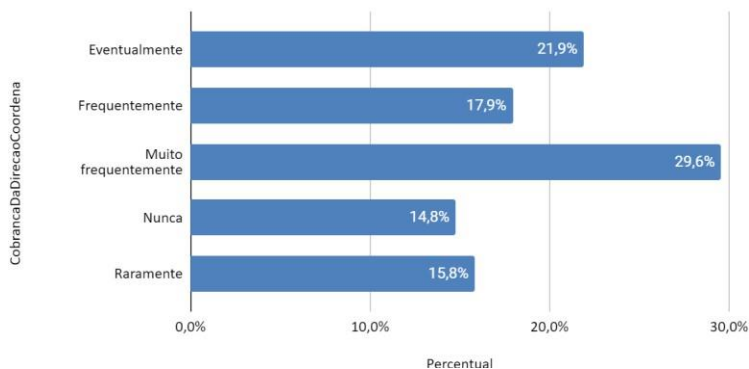


Figura 18

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Vê-se pelos últimos dois gráficos (Figura 17 e 18) que os professores sentiram mais as cobranças da SMED do que as cobranças dos superiores diretos (diretores e coordenadores pedagógicos). Certamente isso pode ser explicado pelas relações conflituosas entre a SMED e a categoria, inclusive, como dito acima, durante a própria pandemia o prefeito Elias Kalil, conseguiu aprovar na Câmara Municipal de Belo Horizonte o PL que aumentou a alíquota previdenciária dos servidores municipais de Belo Horizonte.

Além desse problema da PL acima o prefeito também entrou em polêmicas com a categoria inclusive sobre o momento de voltar ao trabalho, como as críticas à greve sanitária que os professores municipais declararam. (Portal G1 Minas, 2021a; 2021b)

Do ponto de vista pedagógico, tanto a ausência dos alunos quanto o trabalho à distância e a ausência física dos próprios pares, foram sentidos como fatores de estresse pelos professores, como mostram as figuras abaixo (Figuras 19 e 20).

A participação dos alunos, à distância, tem sido um fator de estresse para mim

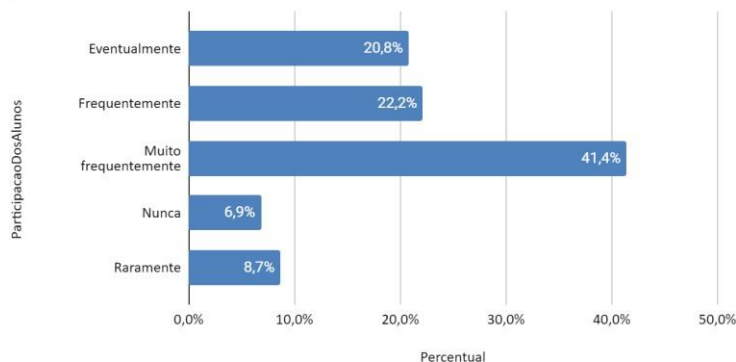


Figura 19

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

A relação à distância, com os alunos tem sido um fator de intenso estresse

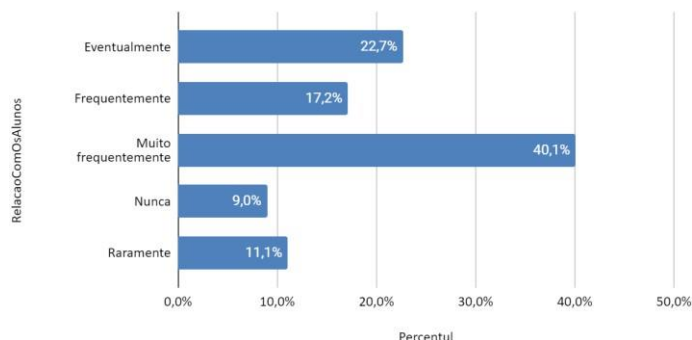


Figura 20

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Em meio à pandemia, reportagem do Jornal Brasil de Fato (2020) denunciava a evasão escolar como um problema crônico no Brasil e uma ameaça iminente em meio à pandemia. Segundo a pesquisa Pnad Contínua 2019, 10,1 milhões de jovens não completaram alguma das etapas da educação básica (que engloba os ensinos fundamental e médio) no país.

Todas essas coisas atuam como pressão e jogam para as escolas e professores a responsabilidade de tentar diminuir os efeitos da pandemia. Essas inseguranças parecem ter afetado os professores na relação à distância com os alunos. A mudança para o formato à distância, às vezes mediado por tecnologia, mas muitas vezes não, ofertando materiais apostilados e se relacionando com os alunos a partir de aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*, parece ter sido um fator de estresse grande para os professores (Figura 20).

O próprio movimento de casa durante a pandemia, a exigir cuidados sanitários o tempo todo,

monitorar as saídas de todos de casa (se tinha máscaras para todos, se todos estavam saindo com cuidado, observar quando tinha algum sintoma, dentre outros), somados aos cuidados normais da casa (garantir abastecimento de alimentos, por exemplo), idas à médicos, compra de remédios, etc., concomitantemente ao trabalho pedagógico e suas exigências também atuaram como fortes fatores de estresse para os professores (Figura 13 e 21).

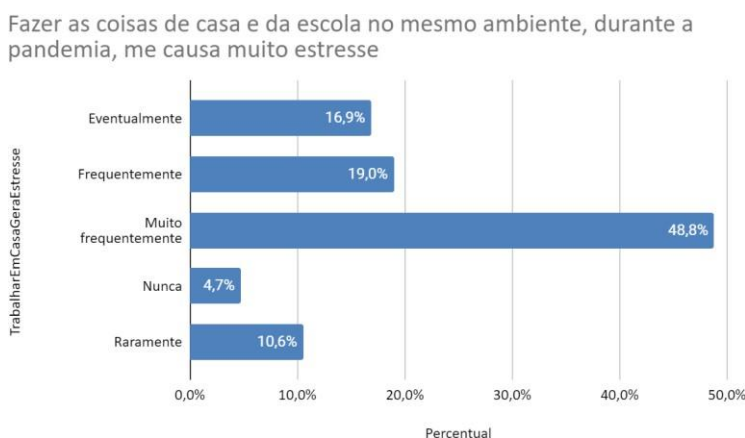


Figura 21

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

A tabela 2 mostra claramente que em todos os fatores investigados um percentual muito alto de professores admitiu a influência desses fatores em seu cotidiano durante a pandemia.

Enfrentamento do estresse entre os professores da RME-BH durante a pandemia

Segundo pesquisas da OMS, aproximadamente 90% da população mundial sofre com o estresse. São várias as explicações para essa epidemia de estresse: estilo de vida acelerado, excesso de informação, pressões do mercado de trabalho, crises financeiras, alta competitividade com profissionais, impactos ambientais, situação econômica, desemprego, dilemas da vida pessoal (violência, preconceito, racismo, violência de gênero, dentre outros).

O estresse profissional ou ocupacional é entendido como a interação de condições laborais e de características do indivíduo, de tal modo que as exigências que lhe são criadas ultrapassam a capacidade de enfrentamento. No caso do professor, como a maior parte das vivências no trabalho se dá na relação com o aluno, esta pode ser tanto fonte de estresse, como de recompensas e gratificações ou de uma mudança de comportamento. (Silveira et al, 2014).

Diferentes fontes de estresse no trabalho docente têm sido apontadas. Entre essas fontes, verificam-se: ter que dar conta de lidar com incidentes envolvendo comportamento desafiador dos alunos, comportamentos inadequados e indisciplina, excesso de trabalho e falta de tempo, diferenças de desenvolvimento e motivação dos alunos e políticas educacionais. (Silveira, et al, 2014).

Em nossa pesquisa esse tópico pretendeu mostrar que estratégias de enfrentamento estavam sendo usadas pelos professores da RME-BH durante a pandemia. Selecionamos, 5 estratégias:

- Hábito de leitura
- Meditar/rezar
- Ouvir música
- Atividade física
- Assistir filmes/séries

Importante compreender que o estresse em docentes (Mendes, 2011; Mota, 2011 e Neves, 2014), logicamente, não foi fruto da pandemia mas foi potencializado pelas necessidades sanitárias de isolamento e das novas demandas do trabalho pedagógico nessa situação, ou seja, trabalho remoto, feito a partir da própria casa, do próprio lar, com tudo de positivo e negativo que isso impõe.

Tabela com as perguntas sobre estratégias associados ao combate estresse, em professores da RME-BH e os percentuais nas categorias de concordância com as perguntas, durante a pandemia

Tabela 3 – Fatores associados ao combate do estresse em professores da RME-BH

Questão	Muito frequente	Frequentemente	Total
Durante a pandemia consegui manter meu hábito de leitura no mesmo nível, ou consegui começar a ler na pandemia	13,5%	14,2%	27,7%
Mesmo durante a pandemia e trabalhando em casa, eu consegui manter meu hábito de meditar/rezar	21,9%	11,9%	33,8%
Adoro ouvir música e conseguir fazer isso em muitos momentos durante a pandemia, mesmo trabalhando em casa	21,9%	10,8%	32,7%
Mesmo trabalhando em casa, consegui manter meu hábito de assistir filmes e séries	19,5%	15,3%	34,8%

A pandemia me fez trabalhar em casa mas mesmo assim consegui manter o hábito/ou comecei de fazer atividade física (caminhada, corrida, andar de bike, ginástica em casa/academia, aula de dança, arte marcial, etc...)	17,4%	9,0%	26,4%
--	-------	------	-------

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela 3 nos mostra claramente que os professores da RME-BH, em sua grande maioria, não possuíam atividades que ajudassem a combater os sintomas de estresse e os ajudassem a passar pelos fatores causadores de estresse. Em torno de 65% dos entrevistados atividades que pudessem os ajudar a passar pela pandemia minorando os efeitos do estresse daquele momento relataram que praticavam alguma das estratégias pesquisadas.

A atividade física naquele momento de isolamento era praticada naquele momento por apenas 26,4% dos professores, como mostra a Tabela 3. Um enorme percentual dos professores pesquisados, 58,6%, relatou que Nunca ou Raramente praticaram atividade física durante a pandemia.

A pandemia me fez trabalhar em casa mas mesmo assim consegui manter o hábito/ou comecei de fazer atividade física (caminhada, corrida, andar de bike, ginástica em casa/academia, aula de dança, arte marcial, etc...)

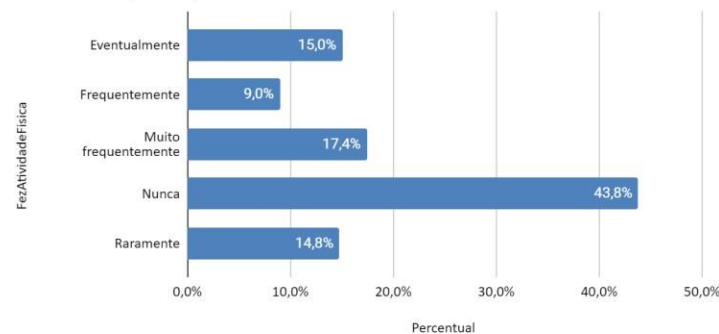


Figura 22

Fonte: imagem do gráfico gerado pelo *google forms*

Esses dados evidenciam, por exemplo, a necessidade de em outros momentos como esse ou parecidos a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED, ter um plano de enfrentamento do estresse para os professores.

Considerações finais

Como já dito anteriormente esse artigo explora os dados descritivos da pesquisa, que devem ser aprofundados com outros tipos de análise.

Ficou claro, no entanto, pelo exame das respostas dos professores (Tabelas 1, 2 e 3) que o contexto da pandemia afetou de maneira bastante impactante os professores da RME-BH, certamente potencializando o estresse da própria profissão, fora desse contexto particular da pandemia.

Um percentual muito alto de professores demonstraram estar sentindo sintomas associados ao estresse durante a pandemia, assim como os fatores associados ao estresse também estiveram presentes em percentuais muito alto nos professores da RME-BH, ao mesmo tempo que atividades associadas de combate ao estresse estiveram relegadas e não eram uma realidade no cotidiano dos professores da RME-BH, evidenciando os efeitos da pandemia sobre a vida, sobre a saúde mental e sobre a organização profissional dos mesmos, durante o período do isolamento e da duração do teletrabalho.

Referência

APPLE, M. W. (2008). **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed.

ARROYO, M. G. (2011). **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes.

BORBA, B. M. R. et al. (2015). **Síndrome de Burnout em professores: estudo comparativo entre o ensino público e privado**. *Psicologia Argumento*, Prado Velho, v. 80, n. 33, p. 270-281, abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/20023/19309>. (Acesso em: 10/10/2021).

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (2022) **Sinopse estatística da pesquisa resposta educacional à pandemia de COVID-19 no Brasil** - Educação Básica, 2ed. Brasília: DF.

COELHO, E. S. et al (2021). **Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia**. *PSI UNISC*, 5(2), 20-32. doi: 10.17058/psiunisc.v5i2.16458

FREITAS, A. L. P., RODRIGUES, S. G. A. (2005) **Avaliação da confiabilidade de questionário: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach** In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 12, 2005, 07-09 nov, Bauru-SP. Anais... Bauru-SP: UNESP.

IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. (2017) **Aspectos dos cuidados das crianças de menos de 4 anos de idade: 2015**. Rio de Janeiro : IBGE, 62p. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100137.pdf> (Acesso em 15/1/24)

JORNAL O TEMPO (2021). Belo Horizonte. Disponível em <https://www.otempo.com.br/hotsites/o-abismo-da-educacao/capitulo-quatro>

JORNAL BRASIL DE FATO (BDF). (2020). São Paulo. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/15/mais-trabalho-alunos-sem-acesso-e-incertezas-a-realidade-do-ensino-pelo-whatsapp>

MENDES, A. R. (2011). **Saúde docente: uma realidade detectada -em direção ao bem-estar e a realização profissional.** 2011. Dissertação. (Mestrado em Educação) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOTA, V. M. C. (2011). **O exercício da docência e a preservação da saúde mental do professor: um estudo a partir de suas condições de trabalho e existência.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais –Belo Horizonte, 2011. **A epidemia da precarização: quarentena, EaD e trabalho docente.**

NEVES, M. S. (2014). **Trabalho docente e estresse: um estudo com professores do IFMT –Cuiabá. 2014. 180p. Dissertação** (Mestrado em Educação) –Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2014.

NORMANHA, R. (2020). **A epidemia da precarização: quarentena, EaD e trabalho docente.** Rev. Direito, Estado e Sociedade. Disponível em <https://revistadesjur.medium.com/a-epidemia-da-precariza%C3%A7%C3%A3o-quarentena-ead-e-trabalho-docente-6927039b316d>

OLIVEIRA, A. L. (2020) **A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19.** Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 154-166, maio 2020

PORTAL G1 MINAS (2021) a). **Maioria dos professores adere à greve e não volta ao trabalho presencial na rede municipal de BH, diz sindicato.** Portal G1 Minas, 26/4/2021. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/04/26/maioria-dos-professores-adere-a-greve-e-nao-volta-ao-trabalho-presencial-na-rede-municipal-de-bh-diz-sindicato.ghtml>

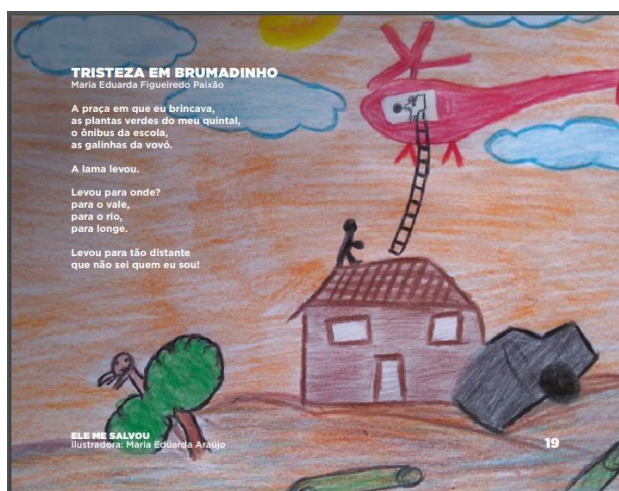
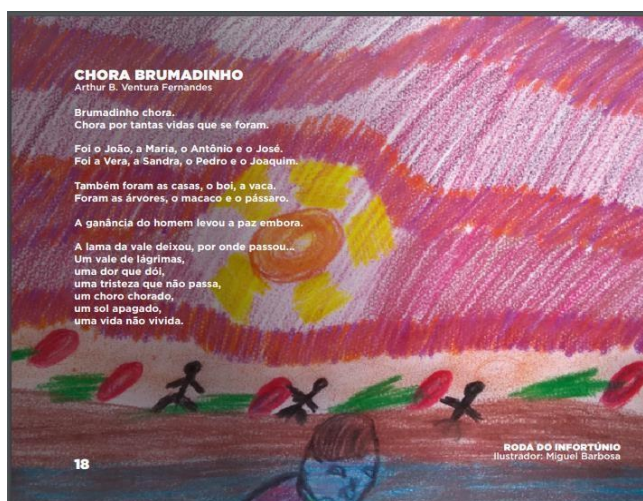
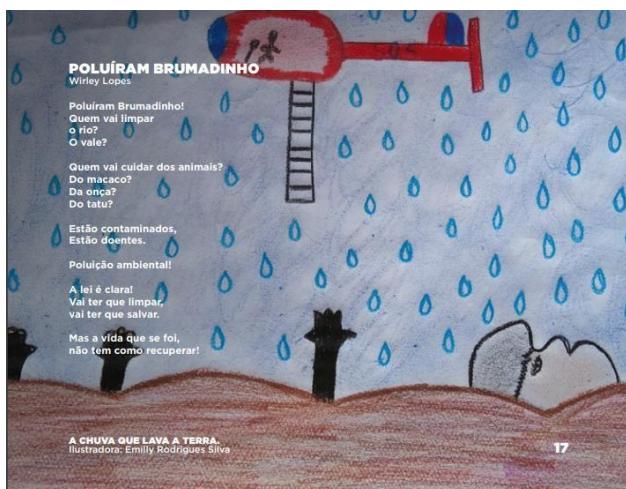
PORTAL G1 MINAS (2021) (2021b). **Greve sanitária de professores é 'inaceitável', diz Kalil em prestação de contas à Câmara Municipal.** Portal G1 Minas. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/05/10/greve-sanitaria-de-professores-e-inaceitavel-diz-kalil-em-prestacao-de-contas-a-camara-municipal.ghtml>

SILVEIRA, K. A. *et al* (2014). **Estresse e enfrentamento em professores: uma análise da literatura.** Educ. rev. 30 (4), Dez.

SIND REDE-BH. Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte, (2020). Belo Horizonte.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO PÚBLICA DO PARANÁ (2020). **Professores(as) têm trabalho triplicado durante a pandemia e pouco apoio do governo.** Paraná. Disponível em [https://appsindicato.org.br/professoras-tem-trabalho-triplicado-durante-a-pandemia-e-pouco-apoio-do-governo/#:~:text=Professores\(as\)%20t%C3%AAm%20trabalho%20triplicado,apoio%20do%20governo%20APP%2DSindicato](https://appsindicato.org.br/professoras-tem-trabalho-triplicado-durante-a-pandemia-e-pouco-apoio-do-governo/#:~:text=Professores(as)%20t%C3%AAm%20trabalho%20triplicado,apoio%20do%20governo%20APP%2DSindicato) (Acesso em 18 jan.2024)

WORLD HEALTH ORGANIZATION (2022). **World mental health report: transforming mental health for all.** Geneva: World Health Organization. Disponível em <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/356119/9789240049338-eng.pdf?sequence=1> (Acesso em 12/1/24)



Fonte: REIS, Joaquim (org.) Bruma Lama. Contagem. Prefeitura Municipal de Contagem, 2022